

Apresentação

A *LOCUS* – revista de história, com o apoio do CNPQ, em seu décimo segundo número, mantém a orientação inaugurada na sua última edição: o de estruturar os artigos em torno de um eixo temático dominante. Imagens e discursos são os temas que se privilegiam no presente número, ainda que os textos girem em torno de temas e abordagens diferenciadas.

A partir de distintos enfoques, os três primeiros artigos tratam da construção de representações de imagens sobre o Brasil. Maria Eliza Linhares busca o diálogo entre imagem e texto na obra – *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil* –, de J. B. Debret, discutindo a visão implícita de nação brasileira. Sonia Cristina Lino aborda a relação entre cinema e história do Brasil com base na análise do filme – *O Descobrimento do Brasil* –, de Humberto Mauro. Sendo a carta de Pero Vaz de Caminha o tema central do filme, a autora destaca a virtualidade dos recursos cinematográficos postos ao serviço da produção de imagens associadas à História do Brasil.

Um terceiro artigo de Annateresa Fabris trabalha a imagem do Brasil patente na exposição – *Em Brasileiro que nem Eu. Que nem quem?* – organizada por Bia Lessa. Arguindo a noção da identidade brasileira suscitada pela exposição, o texto destaca a visão mítica de identidade, apresentada enquanto produto e não como processo dialético.

Um quarto artigo de Raquel Quinet Pifano analisa uma pintura atribuída a Fragonard, pertencente ao acervo do Museu Mariano Procópio, em Juiz de Fora. Inspirando-se na tese de Starobinski sobre a invenção da liberdade no século XVIII, a autora busca compreender a noção de amor expressa na obra, a partir da identificação do tema mitológico – Afrodite.

Os quatro artigos seguintes tratam da produção de discursos. O artigo “*Entre o Mito e o Homem: Caxias e a construção de uma heroicidade moderna*”, de Adriana Barreto de Souza, indaga a forma como os textos biográficos elaboram a construção de Duque de Caxias em herói nacional.

Em “*Os Justos Fins da França Antártica*”, Guilherme Amaral Luz percorre os discursos dos Jesuítas e Calvinistas sobre o que foram as pretensões portuguesa e francesa em relação à França Antártica, na América do século XVI.

Beatriz Domingues, ao debruçar-se sobre os escritos de Vieira, particularmente *A História do Futuro*, considera ser esta obra um diálogo com a nova filosofia e ciência do século XVII, questionando visões dicotômicas que separam as formulações jesuíticas da ciência de Galileu e da filosofia de Descartes.

Gabriela Rizo aborda as idéias de interpretação em Droysen, Burckhardt e Weber e procura resgatar a noção de compreensão nos três pensadores, demonstrando a resistência aos paradigmas positivistas do século XIX.

Marcos Antônio Lopes discute a idéia do surgimento da figura do intelectual *engagé*, anterior ao século XIX. Caso modelar é o de Voltaire, cujo trajetória pode ser avaliada sob esta perspectiva.

Por último, o artigo de Marcelo Ayres Camurça esmiuça aquilo que foram as práticas de caridade como recurso ideológico no processo de competição religiosa entre católicos e espíritas. Tomando como exemplo a cidade de Juiz de Fora, no final do século XIX e primeiras décadas do XX, o autor mostra como as duas religiões faziam das obras filantrópicas mecanismo de legitimação: os católicos como estratégia de preservação do seu monopólio junto da população e os espíritas como forma de obter reconhecimento social.

Conselho Editorial